



Vol. 4 nº 8 jul./dez. 2009  
p. 323-327

## INDISCIPLINA NA ESCOLA

Paulo Gomes Lima<sup>1</sup>  
(Universidade Federal da Grande Dourados)

**Resumo:** Um dos principais obstáculos enfrentados nas escolas é a indisciplina e conseqüentemente a violência. Fatores sociais vivenciados pelos alunos interferem na sua vida escolar. Muitos são os profissionais que não compreendem as situações conflitantes existentes em sala de aula, muitas vezes resultantes de influências internas, se bem que há também influências externas. Este artigo propõe uma reflexão sobre tal quadro, indicando possíveis encaminhamentos.

**Palavras-chave:** Indisciplina; Violência; Influência; Escola.

### INDISCIPLINE AT SCHOOL

**Abstract:** One of the main obstructions lived in the schools are the indiscipline and the violence. Social facts lived by the students, intervene on your student life. There are lot of professionals who don't understand the conflicts in the classroom, many times resultant of internal influences and sometimes external influences. This article proposes a reflection about such picture, indicating possible guidings.

**Keywords:** Indiscipline; Violence; Influences; School.

#### 1. INTRODUÇÃO

“Como diretores de escolas, professores, educadores em geral irão negociar os conflitos? Não se trata de aceitar formas que levem a essa negociação, mesmo porque não existe plano algum que solucione o problema da violência e da indisciplina de modo a eliminá-las por completo. O conflito está sempre presente, o que obriga a trabalhar, a cada momento, com todas as turbulências do dia-a-dia, localizando as formas através das quais elas se compõem em relação aos limites e as coerções da instituição” (BAUDRY, 1988, p. 15-17).

Se entendermos que a educação é um processo de humanização, isto é, um processo que os seres humanos organizam intencionalmente para, em relação uns com os outros, se apropriarem dos avanços civilizatórios em benefício da coletividade humana e se entendermos que disciplina é uma ordem consentida, conveniente ao funcionamento regular das organizações sociais, então a disciplina é objeto de regulação da própria ordem e, portanto, é importante que exista entre os acordos

sociais e instituições, dentre elas na organização escolar, tendo em vista suas finalidades educativas, no que tange aos direitos, deveres e normas que os disciplinam.

Por outro lado, a manutenção da disciplina tem sido instrumento de autoritarismo na escola numa leitura linear, refratadora do desenvolvimento dos próprios seres humanos, caracteriza-se por ordem imposta, muitas vezes resultando em castigo e desumanização explícito ou velado. A instituição escolar que se conduz por essa leitura é marcada pelo autoritarismo, e nesse movimento entre manutenção da disciplina pela imposição, manutenção da disciplina pelo processo de humanização e não disciplina é que se situam a preocupação, as dúvidas e as incertezas dos professores e alunos nas escolas.

## 2. A MANUTENÇÃO DA DISCIPLINA

Quando se discute sobre o que é disciplina ou padrões disciplinares instituídos em determinadas organizações ou setores sociais, logo surge o contraposto da disciplina que se manifesta na inversão do conjunto de padrões ou comportamentos convencionados do ponto de vista social e moral. Dito de outra forma, tal manifestação é a indisciplina, que desrespeita o acordo, evocando, neste caso, que sejam aplicadas sanções que leve o indivíduo a perceber a sua inobservância e retorne para o convencionado em benefício de si e do outro.

A indisciplina em sala de aula tem sido uma preocupação crescente nos últimos anos entre os educadores. Estes perdem muito tempo buscando restabelecer a disciplina, em detrimento da interação do aluno com o conhecimento. Assim, o professor, para poder desenvolver seu trabalho, muitas vezes se vê obrigado a abrir mão de um tempo considerável para conter a indisciplina e conseqüentemente para manter a disciplina. Dentre outras formas, a indisciplina em sala de aula se manifesta em conversas paralelas, dispersão etc. Além disso, vale lembrar que outros comportamentos discentes também contribuem para a indisciplina. Dentre as principais queixas de muitos professores da educação básica estão:

- o professor entra em sala de aula e é como se não tivesse entrado
- propõe conteúdos e tarefas e um número considerável não desenvolve
- saem no corredor
- fazem bagunça em sala de aula
- mascam chicletes
- ficam de boné durante a aula
- não vão de uniforme
- pintam carteiras
- destroem o patrimônio público

- entram sem pedir licença
- querem ir a todo o momento ao banheiro.

Tudo isso perturba e muito o educador que junto com a equipe escolar deve envidar todos os esforços para lembrá-los e situá-los da importância da observação disciplinar. Certamente, esta não é uma tarefa fácil, principalmente se descontextualizada com outros problemas macrossociais – fome, mortandade infantil, desemprego, neonazismo, tráfico de drogas, corrupção, favelas, pichação, assalto, seqüestro, roubo, trote, danificações dos equipamentos públicos, lixo no chão, desrespeito a faixa de pedestres, excesso de velocidade, passar o sinal vermelho, dar troco com balas ou chicletes, não registro de funcionários, não emissão de nota fiscal, não pagamento de imposto de renda, extermínio de crianças, etc. Enfim, é necessário que se faça uma outra leitura sobre em quais bases devem se assentar as sanções disciplinares. Elas devem de fato serem aplicadas, mas não destituídas daquela leitura, o que certamente exigirá da escola como um todo e do professor em particular a assunção de uma consciência comprometida com a transformação social. É claro que isso não é papel só da escola, mas a ela cabe a responsabilidade de trabalhar e trabalhar bem crianças, jovens e adultos para a percepção de si como seres humanos e como sujeitos históricos que podem escrever e reescrever uma outra história da humanidade, a começar pelo estilo de vida, e por não a partir da escola ?

### 3. ESCOLA: QUE ESPAÇO É ESSE?

A instituição escolar não pode ser vista apenas como reprodutora das experiências de opressão, de violência, de conflitos advindas do plano macroestrutural. É importante observar que apesar do mecanismo de reprodução social e cultural as escolas também produzem sua própria violência e sua própria disciplina.

A classe é o lugar onde se tece uma complexa rede de relações, quando o professor não consegue perceber essa teia, pode ocorrer conflitos e divisões de opiniões do grupo o que muitos educadores classificam como indisciplina. Neste caminho o professor desenvolve papel ambíguo: normalizador formal ou sujeito facilitador do desenvolvimento do aluno?

O grande problema talvez esteja no fato de o professor se concentrar apenas na sua posição normalizadora, achando que com isso, ele conseguirá eliminar os conflitos. O professor não deve querer um controle totalitário, de uma planificação racional, pois os alunos buscam de modos espontâneos e não planejado o querer-viver que o ser irreprimível. Quanto maior a repressão, maior a violência dos alunos em tentar garantir as forças que assegurem sua vitalidade, enquanto grupo. O professor juntamente com seus alunos deveria estabelecer regras comuns, os limites de fechamento e de tolerância, portanto, nem autoritarismo nem

abandono. O educador ocupa o seu lugar limitador, mas abre brechas para o aluno negociar e viver com mais intensidade a misteriosa relação que une o lugar-escola e o nós - alunos.

Na sua ambigüidade, a indisciplina não expressa apenas ódio, raiva, vingança, mas também uma forma de interromper as pretensões de controle homogeneizador imposta pela escola. Tanto nas brigas (envolvendo alunos, professores e diretores) como nas brincadeiras, existe uma duplicidade que, ao garantir a expressão de forças heterogêneas, assegura a coesão de alunos, pois eles passam a partilhar de emoções que fundam o sentimento da vida coletiva.

O objetivo de eliminar a violência e a indisciplina ou de colocá-la para fora do espaço escolar faz com que se perca a compreensão da ambigüidade desses fenômenos que, entre a ordem e o ordenamento, restauram a unicidade grupal e instalam uma tensão permanente.

Quando essa tensão é vivida coletivamente, ela assegura a coesão do grupo, quando impedida de se expressar transforma-se numa violência tão desenfreada que nenhum aparelho repressor por mais eficiente que seja poderá conter.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade mudou e a escola precisa se adaptar ao modo de ver esse novo mundo. As relações sociais precisam ser recriadas a cada minuto sob o peso milenar da tradição herdada, pois a ânsia de avançar e de transformar está na ordem da existência do homem: um ser em busca de si. Observando a realidade atual, podemos perceber jovens serem violentamente envolvidos pela mídia do consumo, num mundo cada vez mais globalizado e que contribui para que os mesmos não tenham noção de seus limites. Muitos jovens buscam a roupa da moda, o objeto eletrônico do momento, os acessórios que o classificam como incluso ou excluído da sociedade. Esta sociedade, por sua vez, passa a ser cruel, injusta e desigual em oportunidades. A auto-afirmação faz parte o processo de desenvolvimento destes jovens e crianças. Que podemos esperar deles?

Eles vivem na Idade da Informática, mas isso não os humaniza, vêmo-los se depararem com uma violência digna do homem primitivo e reproduzem o que conhecem ou que desconhecem nas relações familiares, nas ruas, nas filas, nas escolas, enfim, em muitos lugares em que se acreditava que o homem soubesse conviver com o seu próximo.

Mais do que nunca, conscientes deste quadro, professores, pais e sociedade devem primar por uma educação baseada em valores, valores que possibilitem ao homem perceber-se como sujeito de sua própria existência, não sujeito para o consumo. Sujeitos que têm direitos e por isso carecem de políticas públicas adequadas para uma educação de qualidade, para uma distribuição de renda equitativa e condições dignas para os cidadãos como um todo.

Não basta mudar a coordenação de uma escola, sua direção ou a equipe de professores ou mesmo aprimorar o código disciplinar da escola para se controlar a disciplina ou a indisciplina. É necessário um outro olhar: um olhar sobre quem é o homem, como se desenvolve, quais são suas necessidades à medida em que se desenvolve e quais valores almeja enquanto sujeito em construção.

## 5. REFERÊNCIAS

- AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola alternativa e prática**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1996.
- LEVISKY, Léo David. **Adolescência e violência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LIMA, P. G. Assim educarás a humanidade: tendências sociais, políticas e econômicas norteiam a forma como a escola educa o indivíduo. **Revista da Escola Adventista**. Engenheiro Coelho - SP: Unaspres, 2º semestre de 2004.
- . La formación del educador reflexivo: notas para la orientación de sus prácticas. **Revista Latinoamericana de Estudios Educativos**. San Ángel, México, D.F., v. XXX, n. 3, p.117-127, 2000.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. **Disciplina**. 6. ed. São Paulo: Caderno Pedagógico do Libertad-4, 1993.

## NOTAS

1 Doutor em Educação Escolar pela Unesp de Araraquara/SP. Professor Adjunto da Faculdade de Educação na Universidade Federal da Grande Dourados. Aluno do Curso de Pós-Doutorado em Filosofia e História da Educação pela UNICAMP. E-mail: paulogl.lima@gmail.com.

Recebido em: 29/08/2009.

Aprovado para publicação em: 18/11/2009.